

PAULO FREIRE: Teoria e Prática no sucesso de Angicos

Introdução do editor do Blog

O texto que a seguir se coloca à disposição dos internautas navegantes do nosso *blog* foi produzido por uma equipe de jovens estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e publicada na revista laboratório da Agência FOTEC, dedicada ao Fotojornalismo Experimental.

Trata-se de uma entrevista com o hoje advogado e professor Marcos Guerra, que fala na condição de profundo conhecedor da pedagogia libertadora do sábio Paulo Freire. E assim é porque ele integrou e coordenou o grupo de jovens estudantes universitários de Natal-RN que, em 1962-1963, com idealismo de agentes da transformação, aplicaram em Angicos, no sertão norterio-grandense, com sucesso histórico, o método Paulo Freire de alfabetização de adultos em 40 horas - e alfabetizaram centenas de trabalhadores rurais.

Ainda que redigida em estilo de “transcrição da fala”, a entrevista evoca de forma detalhada a experiência vivida. E agrega aos fatos a explicação teórica do método utilizado. Adquire, assim, importância de documento de referência, inclusive para os muitos seguidores da filosofia libertadora de Paulo Freire, cada vez mais envolvidos em práticas educacionais nutridas pela raiz pedagógica da realidade social a ser transformada.

“A Educação não é neutra”

Tendo participado *in loco* dos eventos que levaram à alfabetização de centenas de trabalhadores rurais em Angicos, Marcos Guerra é um entusiasta da educação política.

- Por Adriana Brasil, Dani Melo, Daniel Melo e Saul Oliveira

Mestre em direito internacional, atual vice-presidente da OAB-RN e membro da Comissão de Relações Internacionais da instituição, Marcos Guerra participou ativamente do programa de alfabetização de jovens e adultos em Angicos-RN, na década de 1960. Junto a Paulo Freire, ele ajudou trezentas pessoas carentes a ler e escrever. Tudo em 40 horas e a um custo baixo, como gosta de enfatizar. Mais do que isso, adverte, ajudou a criar condições para que elas votassem – pois só alfabetizados podiam votar à época –, inserindo-as no mundo das decisões políticas.

Partilhando da ideia do ilustre pedagogo, para quem a educação não é neutra, ou é domesticadora ou é libertadora, Guerra concedeu esta entrevista a Fotec de sua pequena sala na OAB-RN. Tal qual uma máquina de falar, ele respondeu sobre suas experiências educacionais no passado e revelou suas visões sobre a questão educacional no presente. Sem titubear, foi incisivo ao afirmar o conteúdo “político” da proposta de Paulo Freire e respondeu tranquilamente aos críticos do método freireano, para quem a pedagogia dos oprimidos não é nem inovadora nem eficaz, mas doutrinadora. Também afirmou categoricamente que a má qualidade da educação pública é algo pretendido pelo Estado.

A seguir, a entrevista.

=====

EDUCAÇÃO SEM CARTILHA

- Neste ano nós comemoramos os 50 anos das realizações do programa de alfabetização de Paulo Freire em Angicos. Por que, já passado tantos anos, Paulo Freire se mantém atual?

MARCOS GUERRA - Porque ele inovou. Ninguém teve tanto impacto na maneira de conceber a educação, de adultos ou não, como ele. No caso de Angicos, essa inovação rendeu uma aprendizagem e uma alfabetização em 40 horas, o que é muito rápido, a um custo muito baixo. Outro item da inovação é que, ao invés de partir da linguagem que está na cabeça do educador, o que se dá quase sempre a partir de uma cartilha do Ministério ou da Secretaria de Educação, não havia cartilha na proposta de Freire. Fazia-se uma pesquisa do universo vocabular, selecionando da fala da população algumas palavras, e a partir delas é que se ia aprender a ler e a escrever. Então, você trabalha com as palavras e com os conteúdos que estão interessando os educandos. A cartilha do ministério ou da secretaria diz: “Ada deu o dedo ao urubu ou Eva viu a uva”, porque a pessoa que a redigiu está interessada só nos fonemas. As frases são sem interesse, muitas vezes sem nenhum valor. Só tem um valor, digamos, de aprendizagem de alguns fonemas, de algumas sílabas. Paulo Freire substituiu tudo isso por uma educação que é comprometida, que não é neutra, que sabe que educar é discutir temas a partir das palavras do universo vocabular do educando. **Educação que é também política interessa às pessoas.** Por isso que há 50 anos, à medida que se aprofundam cada vez mais as questões, se vê que o Paulo tinha razão.

- Como foi a experiência do senhor no programa De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (projeto desenvolvido em Natal pelo prefeito Djalma Maranhão na década de 1960)?

MARCOS GUERRA - Eu não participei da campanha do Pé no Chão. Os estudantes universitários na época – eu tinha 22 anos e era um deles – sim, participaram das três atividades que ocorriam simultaneamente: De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, pela prefeitura de Natal na gestão Djalma Maranhão, cujo secretário era Moacyr de Góis; a educação à distância pela rádio Rural, programa que atingia 25 mil pessoas no Rio Grande do Norte; e o programa do governo

estadual, na gestão Aluizio Alves, em Angicos. Pessoalmente, só participei como educador da experiência de Angicos. Foi a partir de lá que atividades de educação foram desenvolvidas, primeiro em Natal (nas Quintas), depois em Mossoró e em Macau. Todas as três atividades tinham em comum a ideia de que a educação não é neutra, mas que é uma atividade política.

- O projeto de alfabetização de Paulo Freire é vinculado ao universo dos jovens e adultos e dos pobres, aos quais ele chamava de oprimidos. Ele pode funcionar também para crianças e para estudantes de escolas elitizadas?

MARCOS GUERRA - Seguramente. Ela serve também no ensino universitário. É evidente que é mais fácil com jovens e adultos, porque os jovens e os adultos já possuem uma vivência. Mas a criança tem também a sua vivência. Houve experiências com crianças usando, por exemplo, o universo de um circo. Uma criança que assistiu ao circo pode trabalhar a partir daquelas palavras que são usadas lá ou têm a ver com o universo do espetáculo. Aí você seleciona as palavras que vão dar o conjunto de fonemas, o conjunto de dificuldades gráficas que a língua brasileira tem, e alfabetiza a partir delas. Então é inteiramente possível. E a criança fica mobilizada, porque cada palavra para ela tem uma carga emocional: palhaço, trapézio, leão, girafa. Isso aí, então, facilita a aprendizagem. Agora, com uma criança você não pode trabalhar a educação política, porque ela ainda não possui uma visão de mundo, mas com jovem e adulto isso já é possível. E independe de ser escola elitizada ou não, isso não tem nada a ver. Seguramente haverá por aí escolas que você está chamando de elitizadas que utilizam esse método com sucesso.

A Educação tem conteúdo político. **Para domesticar ou para transformar.**

- O projeto de Paulo Freire foi interrompido pelo Golpe Militar de 1964. O senhor mesmo afirma que a pedagogia dele possui um viés político. Foi por isso que os militares agiram de modo a abortar experiências como a de Angicos?

MARCOS GUERRA - Eu não diria um viés. Ela tem um conteúdo. É da natureza dela admitir que a educação não seja neutra. A educação tem um conteúdo político: ou ela doméstica ou é revolucionária. Revolucionária no sentido de promover uma análise crítica e uma mudança na maneira de ver o mundo, entende? Isso na época fez medo a quem estava no poder. Mas tem outra característica que explica a situação. Na época, o analfabeto não votava. Então, a alfabetização gerou um desequilíbrio. Em Angicos, por exemplo, havia 800 eleitores e de repente houve 300 novos eleitores. O chefe político que conhecia o curral eleitoral, e que controlava os votos, de repente perdeu o chão. No Rio Grande do Norte nós tínhamos como meta alfabetizar 100 mil adultos. No Brasil tínhamos como meta, entre 1962-64, alfabetizar seis milhões de adultos, ou seja, seis milhões de novos votantes. Esse desequilíbrio fez medo. O maior medo foi o da visão política. De uma nova visão crítica sobre o mundo. E aí houve uma aliança entre os militares brasileiros e alguns civis que temiam essas mudanças. E deles com os militares norte-americanos do Pentágono, que se opunham ao Kennedy e à Aliança para o Progresso (programa que enviava recursos dos EUA para a Sudene). Enfim, todos eles entenderam que esses programas de alfabetização, de educação de jovens e adultos, devessem ser, tal como foram, brutalmente e subitamente reprimidos.

Contexto explosivo

- Na década de 1960, o Nordeste era considerado um lugar explosivo politicamente. Nesse contexto, o projeto de alfabetização desenvolvido por Paulo Freire foi chamado de subversivo por alguns. O senhor entende que havia um perigo, antes do Golpe Militar, de que o país caminhasse para uma ditadura à cubana, que não proviesse da direita, mas da esquerda?

MARCOS GUERRA - Pois é, essa era uma “ameaça” que foi levantada. Mas, por que o Nordeste era um lugar explosivo? Era explosivo porque tinha gente com fome, tinha gente querendo direitos, como o direito à educação, à terra. A reforma agrária até hoje não foi implantada. O acesso universal à alfabetização e à educação que Paulo Freire

sempre sonhou, até hoje não foi implantado. Tinha gente querendo direito à saúde e a outros direitos. Isso é explosivo? É, e continua explosivo, agora em 2013. O medo que existiu, efetivamente, é porque estávamos no início da década de 60 e Cuba tinha mudado em 1959, ou seja, havia pouco tempo. Cuba entrou nesse rolo da Guerra Fria através da oposição entre os dois grandes blocos: Estados Unidos e União Soviética. Nessa briga, os militares norte-americanos, do grupo do Pentágono, tentaram invadir Cuba, mas fracassaram, apesar da força do império dos EUA. E aí, com o fracasso, o Kremlin da Rússia apontou 40 foguetes nucleares para Miami, nos Estados Unidos. Uma loucura total. O mundo estava muito perto de uma guerra nuclear mundial. O clima era explosivo e com razão. A solução no Brasil foi um golpe militar. Foi rasgar a Constituição. Foi matar no berço esse começo de programa de educação. A solução foi prender e arreventar dirigentes sindicais, organizações estudantis e tantas outras.

Sem o golpe, o acesso à alfabetização seria hoje universal

- Qual a avaliação que o senhor faz do regime militar no que se refere à educação?

MARCOS GUERRA - Bem, eu sou especialista em mundo real e trabalho com educação. Durante o período militar, fui preso e exilado. Fiquei fora do Brasil durante 23 anos e voltei em 1986. Não poderei falar com propriedade sobre a educação nessa época. Mas, o que a gente sabe é que houve um retrocesso, um recuo violento. Não fosse 1964, o acesso à alfabetização hoje seria universal. Já não estaríamos discutindo isso. Estaríamos discutindo, como acontece em outros países, o acesso ao ensino médio ou ao ensino universitário. Se a gente não tivesse parado, hoje não teríamos 40 milhões de jovens com menos de dois anos de escolaridade. Então, que empregos eles podem alcançar com menos de dois anos de escolaridade? Essa é a situação concreta. Nós não estaríamos nessa situação. Por outro lado, houve alguns progressos no ensino universitário, mas a gente pode discutir se eles foram metodológicos, qualitativos ou quantitativos.

Houve regressão brutal e ela continua desde a redemocratização. Isso não mudou. Houve regressão brutal em matéria de educação de jovens e adultos, na alfabetização, no acesso à alfabetização. Houve o aumento de escolaridade, não há nenhuma dúvida. Temos que reconhecer que há o acesso às escolas, mas você vê depois uma expulsão. A escola expulsa praticamente mais da metade dos que a procuram. Os estudantes não terminam os cinco anos de ensino básico. Isso é dramático. Houve uma melhoria, seguramente qualitativa e quantitativa em relação ao ensino técnico. Na época havia apenas a Etern. Há um aumento quantitativo do ensino superior, mas não há melhorias qualitativas nem do ensino superior e nem do ensino médio. E não há aumento quantitativo em relação ao ensino médio. A população que o atinge é menor que o crescimento demográfico da população brasileira. Isso é dramático, tem que ser revisto. E a mídia deveria analisar mais e denunciar essa situação.

Escola pensada para excluir

- O senhor elencaria motivos para que os estudantes, sobretudo os do EJA (Educação de Jovens e Adultos), se evadam das escolas?

MARCOS GUERRA - Porque a escola foi prevista para isso. A escola foi prevista como um funil para aparentemente acolher todos na entrada e fazer uma seleção. O tipo de estado que está aí deseja e consegue isso. Se não, o Ministério da Educação dos governos Sarney, Collor, Fernando Henrique, Lula e agora Dilma, teriam outro objetivo e outra política pública. Não é essa a intenção. Assegurar um ensino básico de qualidade não é a intenção. A intenção política é marginalizar uma parte da população.

- Para teóricos conservadores, a proposta de Paulo Freire de “conscientizar” seus alunos no processo de alfabetização, é igual à doutrinação. Como analisa essa crítica?

MARCOS GUERRA - Paulo Freire diz que o contrário de “conscientização” é “domesticação”. A educação que está aí é uma educação para vedar, domesticar, entende? E isso não seria também doutrinação? Paulo Freire propõe, ao contrário

disso, a educação para a liberdade. E oferece uma análise séria, que é a pedagogia do oprimido. Ele assume o risco de afirmar que a educação não é neutra, que ela é um fato político. A vida do homem é um fato político. Ou somos favoráveis às mudanças para atender aos objetivos de todo mundo ou seremos contra, para manter privilégios de uns poucos. Se a isso se chama de doutrinação, ele assume essa visão crítica. Não há, por sua vez, visão doutrinária, porque ele nunca levou suas ideias para um partido. Nunca levou para uma sombra de ideologia. Nunca assumiu esse objetivo.

Analfabetismo funcional, obra de governos

- Como o senhor analisa a avaliação de que parcela considerável de população brasileira é formada por analfabetos funcionais? Isso existe?

MARCOS GUERRA - Claro! E não é uma invenção do Brasil, não. É uma classificação oficial, mundial, da Unesco. O analfabeto funcional é aquele que lê um texto e não sabe o que fazer com ele. Vai ao Correio, ao banco e não sabe preencher um formulário. Vai a uma repartição pública resolver algo de interesse próprio, pega um formulário e não sabe preencher. Leu um aviso, entendeu todas as palavras, mas não juntou aquilo que está escrito com a consequência prático-operacional. Isso é o analfabeto funcional. Essa é a pessoa produzida pela sociedade que temos, como forma de marginalizar parcelas da população. É isso é intencional por parte de quem governa. Se não houvesse essa intenção, teríamos políticas públicas para formar e libertar pessoas pela educação, não isso que está aí. Na vida, não interessa o discurso da conversa fiada. O objetivo real a gente vê no resultado. E qual tem sido o resultado da educação pública? Analfabetismo funcional. Das duas, uma: ou é isso que o governo quer, ou então o governo é incompetente. Porque gastou dinheiro e tempo. Prometeu e não fez. Então é incompetente e não merece a eleição.

- Há no momento um grande debate sobre recursos para a educação. Fala-se em 10% do PIB para a área e em dinheiro do Pré-Sal. O problema da Educação é a falta de verba?

MARCOS GUERRA - Não é falta de verba! A Educação tem 25% do orçamento. Com boa gestão isso é muito dinheiro. Sobra dinheiro no Ministério da Educação, no BNDES e no Banco Mundial para a Educação. 10% do PIB e recursos do Pré-sal? Genial! Tem o que fazer com isso. Pode-se melhorar a qualidade do ensino, universalizar seu acesso. Há o que fazer. Não há dinheiro em demasia, mas também não falta. Temos 25% do orçamento para a Educação. Qual é o secretário de estado que tem 25%? Um quarto do dinheiro inteiro que entra no Estado! É muito, é o suficiente. Depende do planejamento. Serão bem vindos os novos recursos? Claro! Mas se não houver mudança de eixo, se não houver outra política pública, se não houver formação de gestão, cobrança da sociedade, também não vai resolver! Dinheiro a mais, não é isso que vai resolver. O que vai resolver é clareza nos objetivos, inteligência na gestão, transparência nos gastos – é saber em que gastar.

- Em 2012 uma lei decretou Paulo Freire como patrono da educação nacional. O senhor acha que ele ficaria orgulhoso com a homenagem, haja vista os problemas que essa mesma educação sofre atualmente?

MARCOS GUERRA - Quando se recebe um título, alguns o devolvem. Porque é uma maneira de desclassificar quem deu. Paulo Freire não me parece que seja desse gênero. Acho que ele diria: “Gente, eu aceito, muito honrado, agora gostaria que isso não fosse um engodo. Eu não ficarei anestesiado, irei continuar desejando que aqueles que me homenageiam, homenageiem cumprindo aquilo que eu considero como objetivos da educação no país”. Honrar Paulo Freire não é dar um diploma para ele colocar na parede. É, sim, cumprir as metas que ele apontou para a educação brasileira.

“Não tenho medo da Aliança. Ela é que pode ter medo da gente.” - (Paulo Freire)

- Paulo Freire foi um crítico do capitalismo. Porém, em Angicos, suas atividades foram financiadas pelos EUA (símbolo do capitalismo). Isso incomodava a ele?

MARCOS GUERRA - Isso foi muito discutido, com transparência e abertamente. Não incomodou. Foi discutido

pela esquerda da América Latina. Em 1961 ou 62, quando os EUA lançaram a Aliança Para o Progresso, isso foi debatido na Conferência de Poenta Del Leste (1962), no Uruguai, onde todos os ministros e chefes de estados estiveram presentes. Nessa conferência, Che Guevara, representando Cuba, disse: “Vocês (os EUA) estão lançando isso porque estão com medo da influência de Cuba. A América Latina está pronta para explodir e vocês estão com medo de que o Castrismo se alastre para toda ela!”. Paulo Freire tinha consciência, informação e eu também, de que o debate era esse. Nós discutimos aqui no estado do Rio Grande do Norte, se iríamos contribuir para a Aliança ou se a Aliança iria contribuir conosco. Paulo disse: “Não. Esse dinheiro que está vindo, vem para a Sudene. O RN recebe dinheiro via Sudene. Não era da Aliança Para o Progresso”. Era uma doação que era feita ao Brasil, como um todo, e que o Ministério do Planejamento destacava uma parte para o RN e para outros estados. Na discussão, se tratava de saber se Paulo Freire tinha medo da Aliança Para o Progresso. Ele confiava tanto no projeto de educação que tínhamos nas mãos, que dizia, com muita clareza: “Eu não tenho medo da Aliança. Ela é que pode ter medo da gente”.

Legado de um educador radicalmente humanista

- Qual é o legado de Paulo Freire para o Brasil?

MARCOS GUERRA - O maior legado é a clareza quanto ao papel da educação para a atualidade – que se aperfeiçoou. A exigência hoje é maior. Uma identidade cultural forte existe. Paulo Freire defendia levá-la em consideração. Conhecendo o outro, estaremos mais à vontade para dialogar, para trocar ideias, para aprender, ensinar e ter a nossa própria identidade. A gente tem que respeitar o perfil cultural do nosso interlocutor, do nosso parceiro. Isso é fundamental. Imagine hoje, na universidade ou na escola de ensino médio, o professor se preocupar com a minha identidade como aluno, com os meus valores como aluno, e não somente com a mensagem que ele quer passar. Paulo Freire usava o termo “educação bancária”, aquela em que o cara joga as coisas na

sua cabeça, como se fosse uma conta de banco. Isso não. A contribuição grande de Paulo Freire foi entender a educação como relação de aprendizagem recíproca em que todos crescem, em que ninguém se educa sozinho. Ele dizia. “Ninguém educa ninguém, a gente se educa em uma relação de diálogo e na interação com o mundo”.

- O senhor voltou a Angicos depois do exílio?

MARCOS GUERRA - Após o exílio, voltei para o Brasil em 1987, e para Angicos, com Paulo Freire, em 1993. Não creio que lá houvesse mais de onze ou treze ex-alunos meus. Foi uma emoção imensa a que a gente sentiu. Claro que antes disso tive notícias, mas como na volta do exílio eu estava zerado, sem emprego, tive de trabalhar, mergulhar na sobrevivência. Apenas em 93 voltei àquela cidade.

- Algumas das pessoas educadas no programa chegaram a estudar um pouco mais?

MARCOS GUERRA - Sim. Uma parte dos ex-alunos continuou os estudos, cerca de três ou quatro. Sabemos que, no Brasil, famílias de analfabetos geram filhos que permanecem analfabetos por falta de oportunidades. E, à época, fizeram medo aos alfabetizados. Disseram que eles eram comunistas ou que tinham filhos formados por professores subversivos. Fizeram medo do “ir aprender”. Ameaçaram jogar fora o material, queimar os cadernos deles. Mas vários resistiram. De alguns deles, os filhos cursaram a universidade. Considero emblemático o caso de uma criança de sete anos que os pais não tinham com quem deixar, e que por isso ficava no colo deles durante as aulas de alfabetização. Ela entrou na escola com sete anos de idade, já sabia ler e escrever e tinha vocabulário. Sabia discutir reforma agrária, trabalho, etc. Ela virou professora. É pedagoga formada na faculdade de educação. Imagine se não tivesse havido essa ruptura (1964). Uma coisa que eu me pergunto é: por que as universidades e suas diversas áreas não foram ainda saber que efeitos teve tudo isso (o programa de Angicos). Não o digo antes da redemocratização, porque poderia haver o medo. Mas só agora isso está sendo redescoberto. Mas felizmente, a partir de agora isso pode gerar uma série de estudos.

- Como foi a celebração dos 50 anos das “40 horas de Angicos” em abril deste ano??

MARCOS GUERRA - Foi uma enorme alegria, grande emoção. Recebemos a Cidadania Angicana na Câmara. Mas, sobretudo, o respeito.

=====

Relato do grupo entrevistador

“Não foi como planejamos, foi melhor, mais suado e mais empolgante .“

Marcos Guerra não é nem fácil nem difícil de entrevistar. Seu currículo pode inibir o entrevistador, mas o faz na mesma medida em que o provoca a ser o mais feliz possível na entrevista. Com ele é preciso pesquisar. Cada detalhe, cada ponto ou dado de que discorde é ressaltado em suas respostas. Al de nós quando perguntamos sobre sua participação no programa De Pé no Chão Também se Apreende a Ler. Ele foi taxativo logo na primeira frase: “Eu não participei da campanha de Pé no Chão”. Como não? Um site que usamos para pesquisa dizia que sim! Aí ele maneirou e disse que “nós, estudantes naquela época, sim, participamos, mas eu só atuei em Angicos”. Ah... bom! – não ficamos tão mal.

Quando fizemos a primeira pergunta tínhamos uma lista com quinze outras que pretendíamos seguir. Ledo engano. Logo nela umas quatro foram respondidas (a edição não revela isso porque enxugou as respostas). Seguir à ordem daí adiante foi uma tarefa de Hércules! Ficamos alternando uma pergunta já elaborada com outra improvisada – não exatamente sempre assim. E aprendemos que, entre o planejado e o executado, há sempre o imponderável – o que torna tudo ainda melhor. Por exemplo, sabíamos que Guerra deveria pender a entrevista para o lado político. Mas não esperávamos que tanto. Tudo bem – pensamos – quem pauta melhor num caso desses, em que o entrevistado tem conteúdo, é ele mesmo. E foi isso mesmo. Mas que trabalho deu se deixar ser conduzido por quem responde tanta coisa em tão curto tempo e de maneira tão contumaz! Nossa feliz decisão, porém, fez com que o título da entrevista bem pudesse ser: “Educação é política”. Preferimos “A educação não é neutra”. Apostamos assim em uma citação mais clara para revelar o pensamento do personagem.

No entanto, apesar de nos deixamos ser guiados, boa parte do resultado da entrevista – falando de escolhas – foi fruto de nossas decisões. O leitor nunca vai saber exatamente como, mas tiramos trechos inteiros sobre assuntos diversos e também modificamos a ordem de algumas citações para dar melhor ritmo ao texto. Isso rendeu discussões. E debates graves. Por pouco não gerou inimizades – exagero. Ficamos satisfeitos, finalmente, quando ao fim dos trabalhos Guerra deu a sugestão de que fizéssemos nova matéria – sobre a atual vida das pessoas que foram alfabetizadas com a ajuda dele lá em Angicos. Por isso e por ele ter se mostrado contente com o resultado do que havia sido feito por nós naquela tarde. A despedida, aliás, foi bem mais espontânea do que o encontro – tarefa cumprida. Foi nossa primeira entrevista. Somos focas mesmo. E apesar dos erros – não tão graves – e dos acertos – nem tão brilhantes – saímos exultantes dessa experiência, por tê-la realizado com dedicação e certa originalidade.



Grupo reunido com Marcos Guerra na tarde da entrevista.